

PARA LER E COMPREENDER OS SERMÕES DE ANTÔNIO VIEIRA (1608-1697)

Andrea Gomes Bedin¹

Resumo

No século do barroco, os sermões foram literatura quase que obrigatória. Não por acaso, os pregadores assumiram papéis de significativa importância no cenário europeu e do além-mar. Neste contexto, ganharam proeminência os sermões do padre Antônio Vieira, um jesuíta cuja atuação demonstrou a notabilidade do papel da história para o referido século, como a grande *magistra vitae*. Escritor e pregador renomado, Vieira fez uso arguto de recursos variados da língua portuguesa, que, somados ao seu conhecimento histórico, resultaram em prédicas de significativo valor para o período, na medida em que anunciaram momentos cruciais da história de Portugal. Assim sendo, este artigo pretende trazer luz a alguns destes momentos da história portuguesa, por meio do emprego de termos e conceitos históricos de sermões vieirianos, notadamente aqueles considerados de incidência política. Para tanto, analisamos os sermões dos Bons anos ou do Ano Bom (1642) e do Bom Sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda (1640).

Palavras-chave: Sermões, Termos e conceitos históricos, História de Portugal, Padre Vieira, História, Literatura.

Abstract

In the Baroque century, sermons were almost mandatory literature. It is no coincidence that preachers assumed roles of significant importance on the European and overseas scenes. In this context, the sermons of Father Antônio Vieira, a Jesuit whose performance demonstrated the notable role of history for that century, as the great *magistra vitae*, gained prominence. A renowned writer and preacher, Vieira made shrewd use of varied resources from the Portuguese language, which, added to his historical knowledge, resulted in sermons of significant value for the period, as they announced crucial moments in the history of Portugal. Therefore, this article intends to shed light on some of these moments in Portuguese history, through the use of historical terms and concepts from Vieira's sermons, notably those considered to have a political impact. To this end, we analyzed the sermons of Bons anos or Ano Bom (1642) and Bom Sucesso of the arms of Portugal against those of Holland (1640).

Keywords: Sermons, Historical terms and concepts, History of Portugal, Father Vieira, History, Literature.

¹ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, e-mail: andribedin@yahoo.com.br / andribedin@hotmail.com / Início do Estágio Pós-doutoral, pela PUCSP: 26 de setembro de 2023. Supervisor: Profa. Dra. Yvone Dias Avelino.

Antônio Vieira (1608-1697)

Antônio Vieira nasceu em 6 de fevereiro do ano 1608, na cidade de Lisboa, Portugal, numa casa da rua dos Cônegos, perto da Sé de Lisboa. Filho de Cristóvão Vieira Ravasco, de família alentejana, e de D. Maria de Azevedo, natural de Lisboa, ambos considerados fidalgos de nobre linhagem, conforme André de Barros (1746)². No entanto, para Hernani Cidade, conquanto D. João IV tivesse aproximado a família de Vieira da nobreza, “elevando Cristóvão Vieira Ravasco à dignidade de moço da Câmara, ela era de modesta burguesia, nem sequer havendo recebido da Fortuna proveitos em suprimento das honras que lhe faltavam. Burguesia modesta e mesclada de sangue africano”³ (Cidade, 1985, p. 9). Especulações ou certezas à parte quanto às suas origens, Vieira foi batizado no dia 15 do mesmo mês de seu nascimento, na Sé metropolitana.

Em consequência dos ofícios de seu pai, que por necessidade embarcou para a Baía em 1609, Vieira permaneceu sozinho com sua mãe em Lisboa, pois na época ainda era filho único. Cristóvão Ravasco retornou três anos depois e, em 1614, partiu com toda a família para a Baía. Nesse tempo, contava Vieira com apenas 6 anos de idade. Ao chegar à Baía, passou a estudar no Colégio dos Jesuítas de Salvador, onde aprendeu a ler e a escrever.

Segundo o relato do padre Alves (1945), Vieira teria afirmado sentir uma grande vocação para a vida religiosa numa tarde de março de 1623, quando contava então com 15 anos de idade, enquanto ouvia o padre Manuel do Carmo pregar, fazendo uma descrição do inferno. Teria também detectado nele próprio o talento oratório que somente viria um dia a se manifestar, de modo prestigioso, num púlpito.

O jovem encontrou o espaço ideal para a realização de suas aspirações espirituais e humanas: o noviciado da Companhia se constituía, inegavelmente, como “dura provação da alma e do espírito” (Cidade, 1985, p. 10), carregando de ocupações e tarefas os jovens que ali estivessem ao longo dos dias, habilitando-os para obter triunfos no “mundo do mundo”, segundo as palavras do próprio Vieira que optou por nele ingressar, em 6 de maio de 1625⁴.

²André de Barros (1675-1754), padre da [companhia de Jesus](#), foi um dos primeiros acadêmicos da [Academia Real da História Portuguesa](#), no [Palácio dos Duques de Bragança](#). Escritor e orador, notabilizou-se por escrever obras de peso como a *Vida do apostólico padre Antônio Vieyra da Companhia de Jesus de 1746*, que lhe rendeu o título de biógrafo oficial de Antônio Vieira.

³Mais detalhes, consultar Cidade (1985).

⁴Segundo João Lúcio de Azevedo, o ingresso de Vieira no noviciado se deu aos 5 de maio de 1623. Assim como a data de ingresso do jesuíta no noviciado, outras datas que envolvem a vida de Vieira, apresentam

Segundo Azevedo (2008), o jovem noviço tinha a prática da catequese como uma ocupação digna; o amor inflamado que sentia pelas almas errantes e, sobretudo, a possibilidade de poder conduzi-las ao caminho do bem, ao amparo onde a salvação as aguardava, o fez consagrar a existência ao trabalho missionário.

No século XVII, a Companhia gozava de renomada fama no campo da educação e preparação dos meninos, bem como das populações ameríndias, em especial; ofício já fundamentado desde o século XVI. O jovem Vieira teve a formação e a constituição intelectual favorecidas por essa estrutura sólida dos discípulos de Santo Inácio. Prova disso foi o resultado de sua formação, alçando-o a condições de elevada estima junto às cortes europeias e de confiança quanto à arte da pregação, quer fosse escrita ou pregada, o que lhe rendeu o título de “Imperador do púlpito”.

Tal formação rendeu ao jesuíta a incumbência da escrita da *Charta Annua*⁵ para Roma, quando contava com apenas 16 anos de idade. Essa carta consistia numa espécie de relatório que a província normalmente encaminhava ao Geral da Companhia para que ele tivesse ciência dos acontecimentos gerais naquele dado período. A redação dessa carta, aliada ao trabalho de catequese dos índios e à aptidão natural do jovem Vieira em sobressair-se nas aulas e famosas “disputas”, revelaram aos poucos uma singular habilidade e domínio da palavra oral e escrita, pois, aos 18 anos, Vieira já lecionava retórica para o colégio de Olinda.

Anos mais tarde, na Quaresma de 1633, dois anos antes de ser ordenado presbítero, Vieira estreou no púlpito da cidade, agora não mais como catequista, mas como pregador. Ainda nesse mesmo ano, no dia de São João, o jovem Vieira subiu novamente ao púlpito, na igreja da Conceição (Baía) e pregou o sermão “Maria, Rosa Mística”. Foi ordenado⁶ no ano seguinte (1634) e passou a lecionar Teologia no mesmo Colégio de sua formação.

De acordo com Cidade, o pregador apelava constantemente à proteção divina, “nela assentando a confiança de seus ouvintes” (Cidade, 1985, p. 21). Tal fato é

discordâncias em relação aos seus relatores. Discordâncias por vezes pequenas, como entre os autores Hernâni Cidade (1985) e João Lúcio de Azevedo (2008), este último considerado um dos biógrafos oficiais do jesuíta. Optei por manter a linha de Hernâni Cidade, com ressalvas importantes de João Lúcio.

⁵Segundo Cidade (1985, p. 17), essa carta pode ser considerada “o primeiro documento da sua solicitação de atenção às coisas da terra, por demais perturbantes para que o jesuíta exclusivamente pudesse circunscrever ao Céu os seus cuidados”.

⁶Existem algumas controvérsias, por parte de alguns autores, acerca da data de ordenação de Vieira. No documento do Departamento Nacional do Livro, da Biblioteca Nacional, consta como data de ordenação o ano 1634, conforme colocado no texto. No entanto, em uma das edições antigas dos Sermões, de 1945, no prefácio escrito pelo Padre Gonçalo Alves, a data de ordenação de Vieira consta como sendo o ano 1635.

corroborado por Azevedo, quando afirma que o pregador “a tudo respondia com passos da Escritura” (Azevedo, 2008, p. 116).

Por ocasião da Restauração portuguesa, oficializada em 1641, Vieira recebeu o título de *Tribuno da Restauração*.

Nos anos de 1644 ou 1645, o jesuíta tornou-se professo (2008), ou seja, consagrou os votos solenes (obediência, castidade e pobreza), tornando-se um inaciano completo. O professar dos votos teria sido anunciado pelo padre Andreoni (reitor do colégio da Baía) ao geral, como tendo acontecido em 26 de maio de 1644⁷. Quanto ao ano de 1645, os dados acerca desse momento da vida de Vieira encontram-se registrados nos catálogos da Companhia de 1649 e anos seguintes.

O ano de 1645, em especial, assinalou um momento importante da vida de Vieira. Suas produções, especialmente os sermões, adquiriram um caráter mais moral do que político.

Sofrendo pressões do Santo Ofício a partir de 1649, e acusado de ter tendências judaizantes, Vieira foi transferido para as missões jesuíticas do Maranhão, onde passou a pregar em defesa da liberdade indígena mediante os atos violentos dos colonos escravocratas. Nesse ano, Vieira recomendou a criação de uma Companhia de comércio para os cristãos-novos, a despeito de todas as críticas que sofrera.

Os anos de 1651 a 1661 apresentam-nos um Vieira de caráter mais voltado à atividade missionária. Quer fosse pelo seu estado de saúde, que já dava sinais de fragilidade, quer fosse pelo envolvimento com o Santo Ofício, ao longo desses anos Vieira dedicou-se mais precisamente ao trabalho das missões. Nesse tempo, foram grandes os preparativos para as missões do Maranhão e a presença de missionários locais, em função dos conflitos entre colonos e indígenas, intensificou-se. Em 1654, o jesuíta retornou à metrópole e no ano seguinte ao Maranhão, de onde foi expulso sete anos depois, juntamente com outros jesuítas hostilizados pelos colonos.

Em 1663, Vieira foi novamente chamado à Inquisição para responder pelas doutrinas que pregava, do “novo sebastianismo”, proclamando a ressurreição de D. João IV que se encontrava enfermo já fazia anos. O monarca faleceu em 1656, e sua morte, predita por Vieira, reforçou o anúncio de sua ressurreição pelo jesuíta.

⁷Conforme João Lúcio de Azevedo (2008, p. 108), a 21 de agosto deste mesmo ano, após professar seus votos, Vieira promete a D. João IV a monarquia do Universo.

Preso pelo Santo Ofício em 1665, por acreditar e reafirmar acerca da mencionada ressurreição de D. João e profetizar em Portugal o Quinto Império, teve o direito de pregar cassado, além de ter sido condenado à reclusão.

Libertado no ano seguinte, partiu para Roma e retomou sua carreira de orador, atuando no Vaticano e saraus literários da Rainha Cristina da Suécia, ali exilada. De acordo com André de Barros, “chegou a Roma, aonde excedeo com a realidade da experiencia a grandeza da tua⁸ fama” (Barros, 1746, p. 18).

Ao retornar à sua pátria em 1675, iniciou, anos depois (1679), a edição de *Os sermões*, completos. Faleceu aos 89 anos, no Colégio dos Jesuítas, onde se formara.

1. Considerações sobre o cenário histórico de produção dos sermões “histórico-políticos” de Vieira

O século XVII, século do barroco, teve como marca profundas mudanças no cenário social, político e religioso europeu, extensivas aos domínios do ultramar. Tais mudanças se processaram em decorrência de um estado de espírito atípico que assinalou o período.

O século XVI fora palco de reformas no campo da cultura, das ciências e da religião, mas conservava traços remanescentes da era medieval. Toda essa mistura de valores, de influência medieval, ainda que gestadas na renascença, resultaram num século XVII antagônico, de avanços e recuos, de conquistas, como as da imprensa, por exemplo, e, ao mesmo tempo, de um viés religioso extremamente acentuado para a época, com fortes referências ao medieval, ainda que delimitado por um certo traço profano, em certa medida decorrente da renascença, resultando na busca por uma nova forma de ver, olhar e sentir o mundo.

Esse apelo religioso presente nos seiscentos foi marca característica dos sermões, de veiculação corrente no período. Neste sentido, os pregadores assumiram significativa importância, na medida em que se revelaram portadores da mensagem divina, de uma nova esperança de salvação que poderia ser alcançada em meio àquela atmosfera de crise e incerteza que se apresentava à sociedade. Não menos importante, foi o trabalho dos pregadores missionários no além-mar, notadamente dos jesuítas junto aos indígenas, decorrente de um doloroso processo de evangelização e conversão que se processava a reboque das conquistas ultramarinas, por parte das coroas europeias, de modo especial

⁸Onde está escrito “tua” leia-se “sua”.

Portugal e Espanha. Era preciso arregimentar os novos domínios e fundamentar a fé católica, preservando seus antigos e futuros adeptos, do avanço protestante, em curso desde meados do século XVI.

No tocante ao século XVII, a grande marca foi a disciplina História. Nesse contexto dos seiscentos, emerge a indubitável importância desta ciência enquanto referência social, política e econômica para os reinos absolutistas. Ao longo dos séculos XVI e XVII, a Europa Ibérica legitimou um modelo de sociedade baseado na Razão de Estado católica e ratificou uma lógica alicerçada numa forte relação entre o trono e o altar. Com efeito, o século XVII concebeu e conheceu um estado de espírito incomum para seus cidadãos, de modo que não é possível fazermos sua leitura se não levarmos em conta uma mentalidade reinante no período, de duplo viés.

Inserido nesse modelo de sociedade de corte, o reino português vivenciou uma realidade política muito particular em fins do século XVI e ao longo do XVII, marcada pelo forte apelo religioso do Barroco e pelo expansionismo europeu. Por conseguinte, urgia arregimentar as conquistas no ultramar; para tanto, era necessário legitimar a fé. Entretanto, o reino precisou lidar com questões de caráter emergencial, que, pondo em xeque sua independência enquanto Estado-nação, demandaram a presença forte de um monarca que pudesse assumir tal empresa, garantindo estabilidade e transmitindo segurança aos seus cidadãos. Este foi D. João IV, da dinastia bragançina.

Sendo a história o lugar onde se velaram e ao mesmo tempo se desvelaram os desejos e os mistérios do Altíssimo aos homens, cabia aos indivíduos desenvolverem um novo olhar que, indo além do engano das aparências, pudesse contemplar a realidade dos fatos, reconhecendo neles a inefável presença do divino; em síntese, Deus se revelava na história.

Historiador da Providência, o jesuíta tratou a história como uma peça escrita por Deus, cujo atos iam sendo encenados no tempo oportuno dos acontecimentos. Segundo Pécora (1994), a presença divina encontra-se inscrita nos fatos históricos, concebidos como espaços da manifestação de Deus ao seu povo.

Os grandes eventos que marcaram a história de Portugal no século XVII, anunciados através dos sermões, foram tratados por alguém que, de formação tomista, ao mesmo tempo que relacionado aos avanços das ciências e imbricado aos estudos da ciência histórica, pretendeu dar conta de informar ao mundo o lugar da história de Portugal, mas, principalmente, de conclamar seus cidadãos para intervirem nesse processo e ocuparem seu lugar de direito na história. Com efeito, para Vieira, Deus

presidia as ações do povo português, pois o tinha como povo eleito. Os sermões foram, por excelência, os espaços dessas revelações.

Nos sermões, confirmamos o fundo religioso que confere base à argumentação do jesuíta, além de uma verdadeira osmose de ideias contendo dados históricos do reino e outros referenciais de natureza diversa.

A intertextualidade também se confirma entre os dois sermões, pois ambos veiculam informações procedentes de um mesmo espaço temporal, sendo, portanto, complementares. De caráter imediato, os fatos históricos relatados nas prédicas encontravam-se em curso, demandando a participação de toda a sociedade.

Assim sendo, a relação entre história e política na obra vieiriana é evidente. Tal relação é única e integrada. Filho de seu tempo, o jesuíta articulou um discurso no qual o sentido da história repousava na prática política. A arte de governar se revelou indispensável no discurso de Vieira, pois dela dependia o futuro de Portugal. Há, portanto, uma unicidade entre a história, a política e o elemento humano, considerado agente transformador do Estado cristão.

2. Vieira, os sermões e a história

A busca de Vieira pela compreensão do processo histórico e da importância da ciência história se revela pelo considerável volume de referências autorais às quais recorreu, partindo dos clássicos, como Aristóteles, Cícero, Tácito, dentre outros, chegando a contemporâneos de seu tempo, como Luís Cabrera de Córdoba (corte espanhol), por exemplo, para legitimar seus escritos.

O significado e a essência da mensagem pregada nos sermões apontam para uma nova visão da história e, possivelmente, para um novo gênero de escrita da História, pautada na mais completa fruição literária. Segundo Lopes (2010), assim como alguns autores modernos, como Bossuet, Maquiavel, Hobbes, entre outros, Vieira estava convencido de que poderia oferecer suas lições de História ao príncipe D. João IV, a quem desde cedo acolheu e aconselhou.

De fato, muitas das obras produzidas por Vieira serviram como manuais de aconselhamento político para as autoridades constituídas da época, reis e rainhas. Inaugurando uma forma muito particular de escrita, Vieira terminou por conceber uma nova história que, caminhando na contramão dos fatos, se alicerçou no manejo de certezas inquestionáveis que “estavam por vir”, posto que fundamentadas numa concepção de história sagrada e providencial.

Em vista disso, este trabalho buscou construir um novo objeto, moldando-o segundo sua função histórica⁹. Para tanto, recorreu-se, “predominantemente”, à historiografia do século XVII, não somente aos estudos sobre o Brasil colônia, mas também sobre Portugal, pátria de Vieira. Ademais, para a análise do conjunto de termos e conceitos históricos, recorreu-se a autores da língua portuguesa e afins, como o Dicionário de Machado de Assis (2018), por exemplo, cuja estrutura e conteúdo contribuíram para o desenho e aprimoramento deste artigo.

Nos sermões, foram identificados conceitos de cunho histórico; investigou-se em que medida Vieira fez uso deles para historicizar¹⁰ o discurso proposto. Para Lopes, uma vez que o jesuíta transitou “na dimensão das coisas encobertas” (Lopes, 2010, p. 165), desenvolveu uma análise da dimensão do porvir e, nesse sentido, recorreu a muitos tipos de “recursos” engenhosos que, longe de serem adivinhatórios, se prestavam aos fins pretendidos.

Os conceitos utilizados pelo pregador são o fio condutor do trabalho. Tempo e Providência, por exemplo, são conceitos-chave para a compreensão do pensamento vieiriano. Recorrendo aos estudos de Palacin (1986), estabelecemos uma relação entre o Cristianismo e a história. Tendo em vista a formação religiosa de Vieira, num primeiro momento parecia improvável estabelecer uma ponte entre o conteúdo de seus sermões e a história, uma vez que a essência da concepção religiosa do mundo parecia negar o valor da temporalidade que sempre esteve em busca do absoluto, do intemporal. Contudo, Palacin aponta para a possibilidade de conciliação de dois tempos, o humano e o divino, como condição para se construir a história:

De fato, como ignorar totalmente a realidade em que vivemos se torna impossível, as religiões, como interpretações do mundo, se veem forçadas a introduzir uma dicotomia: a situação de nossa vida na intersecção de dois tempos irreconciliáveis, o tempo, todo essência, sem mudanças, do eterno, e o tempo do acidental, o tempo da história. O tempo eterno, majestoso e impassível, abre o começo e encerra o fim, mas também faz suas irrupções neste breve parêntese de trânsito, que é nosso tempo (Palacin, 1986, p. 65-66).

⁹Com isso, não pretendemos desconsiderar o que de fértil e profícuo o campo literário possa ter fornecido ao estudo dos sermões. Entretanto, optamos por parametrizar a função do objeto, dada a natureza do contexto histórico analisado.

¹⁰Segundo José van den Besselaar (1982), Vieira não se preocupava em alcançar o sentido histórico do texto bíblico. Sua preocupação não estava em desvendar o sentido do texto sagrado, mas em extrair lições necessárias à realidade histórica de seu tempo.

Na concepção vieiriana, o mundo secular, pertencente a um tempo considerado profano, somente poderia ser compreendido se compatibilizado com eventos presentes na Palavra divina.

De caráter plural, a visão vieiriana do tempo não renuncia à identidade de um conceito divino, pois Deus é a causa primeira de todas as coisas, e da história, inclusive. Segundo Hansen (1994), para Vieira a eternidade estava presente em todos os tempos.

Com base nisso, apresentamos algumas temporalidades que estão presentes nos sermões: tempo dos acontecimentos históricos, que dão alicerce aos sermões; tempo do Barroco, que comporta uma temporalidade mais ampla que contextualiza o período; tempo da produção escrita; tempo da pregação dos sermões; tempo oportuno ou *kairós*, que, uma vez perdido, se torna irreversível; tempo do que se “era”, tempo do que se “é” (*laudatio et lamentatio temporis acti*), da experiência presente e da memória do passado, tempo dos reis que mudam e de Deus que não muda; tempo dos acontecimentos bíblicos; tempo da penitência divina; tempo da misericórdia divina; tempo de petição a Deus, tempo da opressão.

Para a compreensão mais precisa do assunto, recorreremos a estudiosos contemporâneos de Vieira, aos biógrafos do jesuíta e a muitas de suas obras, envolvendo sermões, cartas e obras afins. Como fonte primária de análise, adotamos os sermões traduzidos da *Obra completa do Padre António Vieira*, sob a direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate. Os sermões políticos analisados encontram-se no volume XIII, tomo II, sermões de incidência política. Todos os volumes apresentam uma introdução que contém um estudo detalhado da obra, bem como os critérios de transcrição textual e das citações bíblicas.

3. Para ler e compreender os sermões de Antônio Vieira

Os sermões vieirianos, de fato, apontam para momentos singulares da história do reino de Portugal, o que pode ser corroborado por meio dos conceitos e fatos históricos fartamente desenvolvidos nas prédicas. O emprego massivo de determinados conceitos, abordados de modo reiterado nos sermões em apreço, demonstra, não somente a contemporaneidade dos acontecimentos narrados em ambos, como também a importância dos fatos narrados. Como o conceito providência” emerge como substrato nos dois sermões, e é marca registrada na parenética vieiriana, privilegiou-se a investigação primeira do *Sermão dos Bons Anos*, pois nele se estabelece longa discussão acerca do

conceito. Ademais, o conceito fundamenta todo o pensamento vieiriano, baseado nas ações divinas sobre a história do Reino. Daí ser a história em Vieira de caráter providencial.

Os dois sermões registram momentos distintos da história de Portugal. Nos *Bons Anos*, assinala-se um momento mais otimista da história do reino, ligado ao seu processo de emancipação política, que viria com a Restauração, após longos anos de União Ibérica com a Espanha (1580-1640). Contudo, o outro sermão registra um clima bem negativo em relação ao momento português. Além de estar em situação de total submissão à Holanda, o reino de Portugal ainda precisou enfrentar a resistência espanhola quanto à aceitação da Restauração, já em curso. Entretanto, os dois sermões dialogam entre si.

O conteúdo dos conceitos abordados no corpus de cada sermão, demonstra a força retórica do jesuíta, veiculada pelas palavras e pelo emprego de recursos próprios à literatura barroca. É importante reiterar que, como sociedade do símbolo e da representação, o Barroco incorporou um sentido figurativo em suas manifestações, carregado de forte apelo aos sentidos, tanto no campo das artes plásticas quanto no teatro e na literatura (na qual se incluem os sermões).

Na arte da parenética, a teatralização do discurso se mostrou eficaz. É imperativo lembrar que, na América barroca, o teatro teve sua máxima representação na Companhia de Jesus, que fez uso dessa ferramenta para fins evangelísticos. Como representante da Companhia, Vieira deu provas, por meio de seus sermões, do vasto manancial de recursos à disposição dos pregadores. Para Ávila,

o sermão constituía ainda um eficiente instrumento de comunicação [...]. Em plena luta da Contrarreforma e na sua faina de expansão colonizadora no Oriente e nas Américas, a Igreja Católica soube utilizar convenientemente esse instrumento, explorando-lhe os efeitos de persuasão mágico-pragmática. Forma literária revestida de magia verbal, o sermão barroco atingia simultaneamente a sensibilidade e a inteligência, comunicando com maior eficácia a mensagem religiosa (Ávila, 2009, p. 9).

Portanto, para ler e compreender o profundo conhecimento relatado nos sermões, exige-se o desenvolvimento de um olhar apurado que contemple o momento histórico de sua produção, os recursos de língua existentes à época e à disposição do tempo histórico, a formação aristotélico-tomista de nosso pregador, a atmosfera profundamente religiosa que revelou, mais do que um estilo artístico, mas um modelo de sociedade em perfeita metamorfose de valores e sentidos.

Considerações finais

Este breve artigo longe está de esgotar o estudo sobre um dos escritores mais controversos de que se tem conhecimento na literatura barroca, mais preponderantemente na literatura histórico-religiosa.

Na realidade, Vieira suscita novas formas de questionar o mundo, de revelar o significado das relações sociais, de compreender o gênero humano.

Senhor de seu tempo, nosso jesuíta, ao mesmo tempo arguto, demonstrou um apurado olhar sobre os acontecimentos ao seu redor, e, sobretudo, revelou significativo conhecimento da realidade vivida e da realidade a ser modificada.

De formação aristotélico-tomista, Vieira tinha profundo conhecimento das necessidades do cotidiano português e do além-mar. Urgia, portanto, arregimentar os novos domínios, escolher e fundamentar um novo monarca no trono e reaver a tão almejada autonomia portuguesa, rumo ao Quinto Império.

A leitura e compreensão dos sermões de Vieira passam obrigatoriamente, pelo conhecimento imperioso de sua personalidade, aspirações e angústias. Tais elementos, longe de encerrarem tão complexa discussão, apontam para os sermões enquanto ferramentas de conhecimento do social, portadores de uma moral barroca própria para a época, mas, veementemente, retratos das angústias e dilemas portugueses.

É difícil sabermos se o jesuíta, em algum momento de sua vida, intentou fazer uso do vasto cabedal histórico-linguístico para tal fim. Contudo, a essência dos sermões deixa claro sua profunda preocupação com a sociedade e com o avanço das questões que afligiam um reino em ebulição.

Travando uma trincheira nos púlpitos, Vieira anunciou sua mensagem à sociedade, fez uso de recursos para o seu convencimento e despertar. Ao que tudo indica, agiram como vetores para o descortinamento da história portuguesa.

Resta-nos conhecer e nos aprofundarmos nesses vetores, a fim de elucidarmos o significado por trás da letra, o sentido de uma história rica de significados e reis eleitos sob os auspícios divinos.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, João L. de. **História de Antônio Vieira**. São Paulo: Alameda, 2008.
- ÁVILA, Affonso. O barroquismo no Sermão de Vieira. In: PARREIRA, Lélia Duarte; ALVES, Maria Theresa A. (Org.). **Padre Antônio Vieira: 400 anos depois**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2009.
- BARROS, André de, S.J. (1675-1754). **Vida do Apostólico Padre Vieyra da Companhia de Jesus, chamado por antonomásia o Grande**: aclamado no mundo por príncipes dos oradores evangélicos, pregador incomparável dos augustíssimos reis de Portugal, varão esclarecido em virtudes, e letras divinas, e humanas; restaurador das missões do Maranhão, e Pará, 1746. Disponível em: <https://archive.org/details/vidadoapostolico00barr/page/n17/mode/2up>. Acesso em: 23 jul. 2018.
- BESSELAAR, José van den. **Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1982.
- CARVALHO, Castelar de. **Dicionário de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Lexico, 2ª. ed., 2018.
- CIDADE, Hernâni. **Padre Antônio Vieira**. Lisboa: Presença, 1985.
- HANSEN, João Adolfo. Prefácio. In: PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira**. São Paulo: Edusp, 1994.
- LEMOS, Aínda S. As palavras de Vieira. In **Revisitar Vieira no século XXI**. O poder da palavra: escrita, artes e ensino de Vieira. Dir. José Eduardo Franco, Paulo Pereira. Vol.2, Coimbra:2020.
- LOPES, Marcos Antônio. **Padre Antônio Vieira: uma leitura simbólica da história universal**. **Revista do CESP**, Universidade Estadual de Londrina, n. 43, v. 30, p. 159-183, jan.-jun. 2010.
- PÉCORA, Alcir. **Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira**. São Paulo: Edusp, 1994.
- VIEIRA, Antônio, Pe. **Obra completa**. Sermões de Incidência Política. Coord. de Luís Machado de Abreu. Lisboa: Círculo de Leitores, 2014.
- VIEIRA, Pe. Antônio. **Sermões escolhidos**. Porto Alegre: Lello, 1945. v. I.